

CORREIO BASTIDORES

POR
FERNANDO MOLICA

Vínicius Loures/Câmara dos Deputados



Simone Marquetto trocou MDB pelo PP

Os prós e contras de postulante a vice de Flávio Bolsonaro

Nova integrante do rol de possíveis candidatos a vice na chapa a ser encabeçada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), a deputada federal Simone Marquetto (PP-SP) tem o gênero como vantagem e a geografia como adversária.

O fato de ser mulher ajudaria, em tese, a quebrar a resistência de boa parte do eleitorado feminino à família Bolsonaro — todas as pesquisas indicam que elas tendem a votar majoritariamente no presidente Lula (PT).

O problema é o fato de Simone ser de São Paulo, estado em que, em 2022, Jair Bolsonaro venceu o petista no segundo turno com quase dez pontos percentuais de vantagem. O reforço lá seria, assim, desnecessário.

Preferência de Valdemar

Diante da vitória de Lula, há quatro anos, em todos os estados do Nordeste seria mais importante que o candidato a vice de Flávio fosse dessa região.

A escolha de uma mulher, independentemente de sua origem, é defendida pelo presidente do PL, Valdemar Costa Neto. A favorita ainda é a senadora Tereza Cristina (PP-MS), ex-ministra da Agricultura no mandato de Jair Bolsonaro.

Jefferson Rudy/Agência Senado



Tereza Cristina tem o nome mais citado para chapa

Senadora diz que não quer

O fato de ser do Centro-Oeste, região também dominada pelo bolsonarismo, diminuiria as chances da ex-ministra, mas o lançamento de Ronaldo Caiado (PSD), produtor rural, indicou a necessidade de o PL reforçar suas bases no setor. Caiado é um dos fundadores da União Democrática Ruralista (UDR).

O maior problema parece ser a própria senadora, que tem dito não querer entrar na chapa presidencial. Ontem, ela reafirmou esta posição em declaração ao jornal O Estado de S.Paulo.

Simone com Flávio

Simone Marquetto, que trocou o MDB pelo PP na última partidária, se reuniu com Flávio Bolsonaro na última terça-feira.

Ex-prefeita de Itapetininga, ela recebeu 97.730 votos para deputada federal e investe muito no eleitorado católico de viés mais conservador. Ela já disse aceitar o eventual convite para ser candidata a vice.

Dono da bola

A única certeza no PL é de que a palavra final sobre o vice de Flávio será dada por seu pai. “Ele escolheu o candidato, vai escolher a vice”, diz um parlamentar do partido. Isso leva a uma outra questão: o principal critério do ex-presidente não é eleitoral, mas o de fidelidade. Rejeita quem acha capaz de traí-lo.

Expectativa

Por falar nisso: há uma grande expectativa para saber quem o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD), vai apoiar para ser seu sucessor. A certeza de que ele iria apoiar seu vice, Gabriel Souza (MDB), já não é assim tão grande. Isso, em consequência da disputa pela Presidência da República.

Sem garantia

Ao ter sua candidatura rechaçada pelo PSD, Leite conversou com o MDB sobre a possibilidade de ir para o partido e por ele se lançar ao Palácio do Planalto. As portas emedebistas lhe foram abertas, mas não houve a garantia de respaldo ao seu projeto presidencial. O governador, então, recuou.

Obstáculo

Há quem aposte até na possibilidade de ele apoiar a candidatura ao Palácio Piratini da ex-deputada Juliana Brizola (PDT). Isso só poderia ocorrer caso ela não receba o aval do PT — os petistas gaúchos estão sendo pressionados pela direção nacional para não lançarem candidato e ficarem ao lado da neta de Leonel Brizola.

Precedente

A defesa de um dos militares do primeiro escalão golpista condenados pelo Supremo Tribunal Federal ficou preocupada com a decisão do ministro Alexandre de Moraes de determinar à PM do Distrito Federal a perda dos cargos de cinco oficiais também considerados culpados pelos fatos ocorridos no 8 de Janeiro.

Palavra final

A decisão indica que o STF não vai abrir mão da perda de posto e patente de Jair Bolsonaro e dos oficiais gerais com ele condenados. Isso, mesmo que o Superior Tribunal Militar decida o contrário. Para Moraes, essa punição é automática em caso de penas superiores a quatro anos de prisão.



60% afirmam não ter certeza se votarão em Flávio Bolsonaro

Pesquisa mostra voto em Flávio mais instável

Meio/Ideia volta a mostrar empate com Lula no 2º turno

Por Beatriz Matos

A pesquisa Meio/Ideia divulgada neste mês de abril revela um cenário eleitoral competitivo e imprevisível para 2026, mas com um dado que chama atenção neste momento: segundo a pesquisa, o voto no senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), candidato de oposição à Presidência, seria hoje mais frágil que o voto no presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que tenta a reeleição. Embora apareça numericamente forte, com ligeira vantagem, mas empatado na margem de erro com Lula num eventual segundo turno, parte relevante do seu eleitorado ainda não está consolidada, o que redesenha a disputa no campo da direita.

No cenário estimulado de primeiro turno, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lidera com 40,4% das intenções de voto, seguido por Flávio Bolsonaro, com 37%. Na sequência aparecem o ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado (PSD), com 6,5%; Renan Santos (Missa), com 3%, e o ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema (Novo), também com 3%.

Já em um eventual segundo turno entre Lula e Flávio, há empate técnico: o petista aparece com 45,5% e o senador com 45,8%, dentro da margem de erro de 2,5 pontos percentuais.

Mas é na qualidade desse voto que está o principal alerta. A pes-

quisa mostra que apenas 39,6% dos eleitores de Flávio dizem estar decididos, enquanto 60,4% afirmam que ainda podem mudar de escolha até a eleição. No caso de Lula, o cenário é inverso: 73,4% dos seus eleitores já estão consolidados.

Segundo o cientista político Arthur Wittenberg, professor do Ibmec Brasília, esse dado não é trivial.

“Essa volatilidade entre os eleitores de Flávio Bolsonaro são atípicos para esse momento do ciclo eleitoral. Em abril de um ano eleitoral, candidatos com base consolidada costumam ter pelo menos metade dos seus eleitores decididos. Para comparação, Lula tem muito mais eleitores decididos do que Flávio. Isso não é ruído estatístico, é sinal estrutural: Flávio carrega intenção de voto que ainda não se converteu em identidade eleitoral. O eleitor está ‘estacionado’ nele, não comprometido com ele.”

Na mesma linha, o diretor do Ibmec e PhD em ciência política Ricardo Caichiolo avalia que o cenário revela uma direita ainda em definição. “A alta volatilidade entre os eleitores de Flávio Bolsonaro indica uma fragilidade incommum para o período pré-eleitoral. Nesse sentido, pode-se inferir que a direita demonstra insegurança com relação ao seu nome, sugerindo que não foi totalmente consolidado como sucessor natural de seu pai, Jair Bolsonaro”.